

*Sala de Reuniões da Congregação: centro de decisões importantes para o desenvolvimento da Escola de Engenharia, na Avenida Rio Branco 2.040, em terreno alugado da Santa Casa de Misericórdia. Posteriormente, a Escola foi transferida para a Rua Visconde de Mauá 300, onde hoje está o Colégio de Aplicação João XXIII*

# Tradição, modernidade e visão de futuro na trajetória da Faculdade de Engenharia

*Ao completar cem anos, oferece não só cursos de graduação, mas investe na pós-graduação, no mestrado e no doutorado, preparando profissionais para um mercado cada vez mais competitivo e desafiador*

**Geraldo Muanis**  
Repórter

**D**o idealismo de Clorindo Burnier Pessôa de Melo, juntamente com Asdrubal Teixeira de Souza, Odilon Pereira de Andrade, Washington Marcondes Ferreira e Christiano Degwert, forjou-se há cem anos as bases da Escola/Faculdade de Engenharia de Juiz de Fora. Sua origem está no rompimento com a Escola Polytechnica da Academia de Commercio, onde Clorindo era professor e os demais alunos. Com a cisão, desceram o morro da Rua Halfeld e fundaram a instituição no dia 17 de agosto de 1914, sendo instalada de imediato no número 176 A, na mesma rua, quase esquina com a Santo Antônio.

Os descontentamentos com o Politécnico ficaram evidentes no início do ano letivo de 1914, em 2 de março, quando os alunos aumentaram as pressões reivindicando a aquisição de um teodolito, necessário para as aulas práticas de Topografia. O Conselho da Casa reuniu-se em 10 de junho e era unânime o pensamento de que

os instrumentos de medida eram indispensáveis para conhecimento e prática dos alunos. Mas, mesmo com a confirmação da decisão pelo Conselho Provincial, a compra “não foi executada pelo competente Procurador” (ata de 5 de abril de 1915).

Naquele 17 de agosto, estabeleceram na ata inicial os princípios da Escola, “destinada ao preparo de profissionais aptos para as obras de engenharia em geral e em particular para as obras referentes a electricidade, hydraulica e estradas”. Clorindo foi eleito diretor, Asdrubal o vice e Christiano o secretário da nova Escola. Formularam e discutiram o programa das respectivas disciplinas, contemplando harmonia e complementação de conteúdo. Encimando e iluminando seus propósitos, o lema “Illuminat, Sanat et Civitates Inter Se Jungit” (Iluminar, sanear e ligar cidades entre si).

Formado na Escola de Engenharia de Ouro Preto (MG) e professor no Instituto Politécnico, Clorin-

do foi o cérebro da operação que também retirou daquela instituição os professores Asdrubal, Washington e Odilon. Alguns alunos do segundo e do terceiro anos também se desvincularam, como Degwert. Os estudantes que estavam no terceiro ano puderam concluir o curso. A primeira turma de Engenheiros de Trabalhos Públicos formou-se ainda em 1914, em novembro, mas a diplomação somente foi oficializada no ano seguinte.

Clorindo dirigiu a Escola até seu falecimento. Ministrou aulas de Cálculo Diferencial e Integral, Resistência dos Materiais e Hidráulica e Saneamento, com o trabalho reconhecido pela competência e dedicação com que se entregou à causa do ensino, sempre com visão de futuro, procurando o apoio de pessoas de destaque político que seriam importantes para o desenvolvimento da Escola.

A campanha para registro de diplomas foi acompanhada com atenção pela imprensa

local, que noticiou as aprovações durante as discussões em todas as instâncias no Senado mineiro. O debate final na Câmara Estadual aprovou, em 23 de agosto, o Projeto nº 40, referendando o poder legal da Escola. O reconhecimento institucional e oficial veio com a Lei Estadual nº 696, de 31 de agosto de 1917, publicada no “Minas Gerais” de 25 de setembro. Já a Lei nº 3.454, de 6 de janeiro de 1918, em seu artigo 30, equiparou a Escola de Engenharia de Juiz de Fora aos demais estabelecimentos oficiais.

Em 30 de março de 1922, na primeira página, o “Diário Mercantil” anunciou a morte de Clorindo. Tinha 48 anos e ocupou postos de relevância, como professor da Escola de Minas de Ouro Preto, engenheiro do Estado de Minas e inspetor do Governo junto à Leopoldina Railway. Morreu na miséria. Porém, a instituição amparou sua família, com os professores concordando em dar 150 mil réis para a viúva e 75 mil réis a cada uma das filhas solteiras enquanto permanecessem no mesmo estado civil e necessitassem. Não há registro de até quando esta ajuda ocorreu.

## AQUISIÇÃO DE LABORATÓRIOS

No início da década de 20, a Escola passou a adquirir laboratórios completos para aulas didáticas e práticas, equipamentos produzidos principalmente por franceses, ingleses e alemães. O crescimento gerou a necessidade de expansão e modernização física e acadêmica, com a reorganização das oficinas e dos gabinetes de trabalho para produzir equipamentos didáticos.

Em 17 de março de 1924, foi aprovada a criação de um “Instituto Profissional” anexo à instituição, para preparar e completar a instrução técnica do operário. Foram criados cursos de Engenheiro Geógrafo, em quatro anos, sendo um no Curso Anexo e outros três no técnico; e Engenheiro Agrônomo, em três anos (um no Anexo e outros dois no técnico). Como Engenheiro Geógrafo poderiam atuar nas áreas de instalações elétricas, hidráulicas, construções de estradas de ferro e agrimensura. Foi extinto em 1965 por terem constatado sua inviabilidade.

Em 3 de junho de 1925, os alunos fundaram o Centro Acadêmico Clorindo Burnier e Theodomiro Rothier Duarte foi o primeiro presidente eleito. Entre 1931 e 1934, a Escola teve o reconhecimento cassado e o recuperou graças a mais uma intervenção do presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada.

## MULHERES PIONEIRAS

Marília D’Alva Fabiano Alves foi pioneira, abrindo o caminho para que as mulheres passassem a cursar a Escola. Foi admitida em 1929 e graduou-se como engenheira geógrafa em 1933. Dois outros nomes femininos são marcantes na história: Iara Rosa do Nascimento, a primeira mulher negra a graduar-se como engenheira eletricista, e Dulce Palmer, a primeira a formar-se em Engenharia Civil e Eletrotécnica, em 1938, cumprindo extensa e profícua carreira na Prefeitura de Juiz de Fora.

Reeleito para o período 1945-1948, Christiano Degwert cumpriu a promessa de criar a Fábrica de Aparelhos, repassada às mãos de Josué Lage

Filho, investido do título de diretor técnico. Seu reconhecido trânsito no meio político foi responsável por visitas do presidente da República Getúlio Vargas, quando percorreu laboratórios e gabinetes da Escola sem economizar elogios. Inúmeros professores de outras universidades vieram conferir a produção dos equipamentos. O primeiro “Livro para Registro das Vendas Realizadas pela Fábrica de Aparelhos a Terceiros” mostra o interesse das empresas de Juiz de Fora e região, com uma extensa lista de clientes, como Prefeitura de Juiz de Fora; Banco do Crédito Real; Escola de Engenharia de Belo Horizonte; Escola Nacional de Minas e Metalurgia de Ouro Preto; colégios de Juiz de Fora; Senai; Escola Nacional de Química do Brasil; Universidade de São Paulo; Escola Politécnica de São Paulo; e Instituto de Tecnologia Industrial. Nenhum outro



A Escola de Engenharia tem suas origens no Instituto Politécnico da Academia de Comércio, onde se formou Odilon Pereira de Andrade, na turma de Engenheiros Eletricistas de 1911. Juntamente com Asdrubal Teixeira de Souza, Washington Marcondes Ferreira e Christiano Degwert, foi um dos fundadores da Escola de Engenharia, tendo à frente a liderança de Clorindo Burnier Pessoa de Mello



*Getúlio Vargas esteve várias vezes em Juiz de Fora. O bom relacionamento de Josué Lage Filho (centro) com o presidente da República foi responsável pela obtenção de verbas para a instituição. Em uma de suas visitas, percorreu o prédio das oficinas, na esquina da Rua Floriano Peixoto, e tomou café com o diretor técnico da Escola de Engenharia*

produto foi tão vendido quanto as balanças analíticas; dupla ou tripla escala; hidrostática; pesa-cartas; e quadrantes, utilizadas para análise de manteiga, controle leiteiro, pedras preciosas e uso familiar.

## PARQUE TECNOLÓGICO

O Parque Tecnológico (Partec) caracterizava as salas no prédio de laboratórios e gabinetes, na rua Floriano Peixoto, esquina com avenida Getúlio Vargas, no Centro de Juiz de Fora, onde eram realizadas as atividades de manufatura dos aparelhos a serem utilizados interna ou vendidos externamente. Idealizado e constituído na década de 1930, teve seu auge em 1945 e 1957 e foi a alma das oficinas do ponto de vista científico e de criatividade. Os equipamentos estrangeiros eram reproduzidos segundo os manuais ou eram adaptados para funcionar no âmbito da realidade brasileira e o maior exemplo é a Tríplice Escala (balança produzida pela Escola, melhor que a dos franceses, com três escalas, daí o nome, recomendada para pesagens simples e para determinar a densidade de corpos, com características especiais de robustez, sensibilidade e precisão).

A Escola passou por graves crises na década de 1950. Na primeira, entre o final de 1953 e o alvorecer de 1954, com o pedido de congelamento das contas bancárias do Diretório Acadêmico (DA), a fim de controlar sua administração.

Em 24 de dezembro, o Conselho Técnico Administrativo dissolveu a entidade por infringir o artigo 114 do Regimento Interno. O presidente do grêmio, Itamar Augusto Cautiero Franco, contou com os conselhos do advogado e jornalista Almir de Oliveira. Hoje, com 94 anos, Almir confirma as divergências com o secretário Josué Lage, bastante questionado pelo seu autoritarismo. Na época, ele escrevia uma coluna dominical na página de política do "Diário Mercantil", de intensa repercussão. Embora o diretor fosse Christiano Degwert, Almir explica que era Josué quem se mostrava mais uma vez intransigente. Como o DA havia aprovado entrar em greve, "protestando contra a permanência de um professor que julgavam inadequado", o secretário ameaçou dissolver a representação, transferir e expulsar 16 deles.

A grande preocupação de Itamar Franco era impedir a punição. Almir já exercia a advocacia e aconselhou os alunos a procurarem o Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, para resolver o problema. A ponte utilizada foi o poderoso deputado federal José Bonifácio Lafayette de Andrada, amigo e correligionário de Almir na UDN que acionou o ministro da Educação, Antônio Balbino, a quem Itamar relatou as ameaças. Josué Lage procurou o editor geral do "Diário Mercantil", Renato Dias Filho, mas foi em vão: "O Renatinho cruzou os braços e o mandou 'conversar com o Almir'. Assim as coisas correram do jeito que eu estava provocando e as notícias divulgadas por mim tiveram influência, pois o povo vai muito pelo que o jornal diz". Em março,

o Ministério da Educação, após ouvir as partes litigantes e analisar os argumentos, determinou que a Escola tornasse ineficazes as medidas arbitrárias, fossem contra o DA ou contra acadêmicos.

Não houve estranhamento na escolha do paraninfo da turma de 1954: José Bonifácio. Um singelo agradecimento de Itamar, orador da turma, que se tornou marca registrada ao longo da caminhada até à Presidência da República. A segunda grande crise teve como pano de fundo os desacertos administrativos, pois os livros de contabilidade tiveram suas escritas interrompidas em 1954, época em que as dívidas correspondiam, com pequena diferença, aos débitos de Josué para com a Tesouraria. A Comissão de Sindicância concluiu que "em vários aspectos das irregularidades praticadas pela administração anterior da Escola de Engenharia, tais como o da inexistência de contabilidade e o da lavratura de atas falsas, a responsabilidade cabia exclusivamente ao ex-diretor Técnico, professor Josué Lage Filho, pois, pelo Regimento, essas atribuições lhe estavam afetas, não cabendo, portanto ao ex-diretor, professor Christiano Degwert, a responsabilidade sobre estas e outras irregularidades que ali se verificaram".

As determinações do Conselho Nacional de Educação, homologadas em 20 de maio de 1959, alteraram o Regimento para ajustar a matéria acerca das exigências da legislação vigente do ensino federal. Foi o ponto final na questão da vitaliciedade do diretor, motivo fundamental da greve, além de proporcionar aos professores



O Laboratório de Geologia integrava o conjunto das oficinas da Escola na Rua Floriano Peixoto, sendo fundamental para o desenvolvimento prático de seus alunos

contratados o direito de votar. A intervenção do presidente Juscelino Kubitschek foi fundamental para debelar a crise.

Em janeiro de 1960, a Escola mudou para a sede construída na Rua Visconde de Mauá 3.000, no bairro Santa Catarina. Ali, a primeira reunião da Congregação aconteceu em 26 de fevereiro, quando oficializou-se de vez a saída de Josué. No dia 6 de março, foi lembrado, com a presença de todos os diretores de escolas superiores da cidade, que JK assinou ato encaminhando ao Congresso a proposta para criação da Universidade de Juiz de Fora.

A reforma dos currículos veio no segundo semestre, mas a Escola continuaria expedindo diplomas de Engenharia Civil, com opções de Eletrotécnica; Pontes e Saneamento; Edificações; e Estruturas. Em um de seus últimos atos como presidente, JK sancionou, em 23 de dezembro de 1960, o Decreto Lei nº 3.958, criando a Universidade de Juiz de Fora, e a Escola de Engenharia passou a integrar as cinco unidades federalizadas: as faculdades de Medicina, Direito, Ciências Econômicas e a Escola de Farmácia e

Odontologia de Juiz de Fora. Seu patrimônio foi incorporado e à época somava Cr\$120.000.000.

### Atualmente, a Faculdade de Engenharia da UFJF oferece 12 cursos na graduação; três na pós-graduação (especialização); e três na área de mestrado e doutorado

A Ata Número 1 da EEJF data de 8 de abril de 1961 e foi realizada no Partec, conduzida pelo professor catedrático e decano Odilon Pereira de Andrade, que propôs por aclamação a recondução de Josué d’Affonseca como diretor. Com a Lei nº 4759, de 20 de agosto de 1965, a instituição ganhou nova denominação: Escola de Engenharia.

Em 1963, ocorreu o desmembramento dos cursos de Engenharia Civil e Engenharia Elétrica e, em 1968, passou a ser chamada oficialmente Faculdade de Engenharia da UFJF.

Atualmente, a Faculdade oferece cursos de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado. Tais movimentos visam sustentar a atitude vanguardista que inspirou sua criação. O diretor da instituição, Hélio Antônio da Silva, destaca sua importância: “Repetimos incansavelmente em público o seguinte lema: a antiga Escola de Engenharia, hoje Faculdade de Engenharia da UFJF, vem, há cem anos, formando engenheiros, e mais recentemente arquitetos que já contribuíram e vão continuar contribuindo para o desenvolvimento do nosso Brasil. Sem engenharia não há desenvolvimento econômico. Temos um grande desafio para o futuro, que é formar engenheiros para os próximos 50 anos e continuar formando-os com qualidade. Hoje ela está bem e ocupamos posições de destaque nas avaliações do Ministério da Educação”.

## + MAIS

**Faculdade de Engenharia:** [www.ufjf.br/engenharia](http://www.ufjf.br/engenharia)

### Especialização

Análise Ambiental: [www.ufjf.br/analiseambiental](http://www.ufjf.br/analiseambiental); Engenharia e Segurança no Trabalho: [www.ufjf.br/engenharia/cursos/engsegtrabalho/](http://www.ufjf.br/engenharia/cursos/engsegtrabalho/)

**Engenharia de Produção:** [www.ufjf.br/eep/](http://www.ufjf.br/eep/)

### Mestrado e doutorado

Engenharia Elétrica: [www.ppee.ufjf.br/](http://www.ppee.ufjf.br/); Modelagem Computacional: [www.ufjf.br/mmc/](http://www.ufjf.br/mmc/)

Ambiente Construído [www.ufjf.br/ambienteconstruido/](http://www.ufjf.br/ambienteconstruido/)